



## Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

### **A ARTE RUPESTRE DO PLANALTO DA LAMEIRA (CELORICO DE BASTO E FAFE).**

SAMPAIO, Jorge Davide e GARCIA DIEZ, Marcos

Ano: 2000 | Número: 110

---

#### **Como citar este documento:**

SAMPAIO, Jorge Davide e GARCIA DIEZ, Marcos, A arte rupestre do planalto da Lameira (Celorico de Basto e Fafe). *Revista de Guimarães*, 110 Jan.-Dez. 2000, p. 189-206.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A ARTE RUPESTRE DO PLANALTO DA LAMEIRA  
(Celorico de Basto e Fafe)

---

**Jorge Davide Sampaio\***  
**Marcos Garcia Diez\*\***

**1. Enquadramento geográfico e geomorfológico**

O denominado Planalto da Lameira constitui um *plateau* que se desenvolve à altitude média de 700 metros, limitado a Norte pelos relevos da Serra do Marco, com 849 metros no vértice de Pedreira 2º, e a Sul pelas elevações da Serra do Viso atingindo os 856 metros.

Geomorfológicamente corresponde à última aplanação do bordo mais avançado da Superfície Fundamental da Meseta Ibérica, da qual está separada a Este pela falha da Gandarela. A superfície aplanada da Lameira-Rego está ainda sobranceira, do lado Noroeste, à plataforma plio-quadernária do litoral.

O substrato geológico é caracterizado por granitos porfíroides de grão grosso e o solo é de tipo “ranquer” atlântico, modelados pelos movimentos hercínicos, aflorando em caos de blocos (Pereira, 1989).

Grande parte dos pequenos cursos de água que fazem a drenagem do Planalto, orientam-se em caudais regulares para a bacia hidrográfica do rio Ave.

---

\* Parque Arqueológico do Vale do Côa. Avda. Gago Coutinho 19, 2º andar. 5150 Vila Nova de Foz Côa.

\*\* Departamento de Geografía, Pré-História e Arqueología da Universidade do País Vasco. C/ Tomás y Valiente s/n. 01006 Vitoria (Espanha).

## 2. Apontamentos historiográficos

A zona correspondente ao planalto de Lameira tem recebido um tratamento escasso no que concerne à investigação arqueológica. Em várias notícias no jornal *Ecos da Montanha*, são publicadas entre 1963 e 1969, pelo Eng.º Ilídio Araújo<sup>1</sup>, um variado conjunto de materiais arqueológicos recolhidos por ele ao longo de vários anos, constituindo estes o primeiro registo da Arqueologia do Planalto da Lameira.

O extenso conjunto de vestígios arqueológicos existentes numa ampla área que corresponde ao planalto da Lameira, é conhecido no âmbito científico desde 1978, data em que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho realizou escavações no *habitat* de fossas de Pedroso<sup>2</sup> (Rego, Celorico de Basto).

Anos mais tarde, em 1993, Luís Oliveira Fontes realiza o primeiro inventário arqueológico do planalto da Lameira<sup>3</sup>. Este trabalho foi o culminar de várias visitas de prospecção que decorreram sensivelmente desde a data das primeiras escavações em Pedroso. Nesse mesmo ano é publicado nos Cadernos de Arqueologia da Universidade do Minho (Bettencourt e Fontes, 1993) uma nova jazida no planalto da Lameira. Trata-se de um sítio da Idade do Bronze semi - destruído, situado no Areeiro (Rego, Celorico de Basto).

Em 1998 é realizada uma intervenção arqueológica de emergência no *habitat* Neolítico de fossas da Bolada (Rêgo, Celorico de Basto)<sup>4</sup>.

Dois anos depois, em Fevereiro de 2000, fomos informados pelo Sr. João Ferreira, morador na freguesia do

---

<sup>1</sup> O Eng.º Ilídio Araújo foi o director do já extinto jornal.

<sup>2</sup> Trabalhos realizados sob a direcção do Dr. Francisco Alves e do Dr. Francisco de Sande Lemos. Os resultados desta campanha foram publicados numa nota em Lemos *et alli*, 1976-1980.

<sup>3</sup> No prelo.

<sup>4</sup> Os trabalhos foram realizados sob a direcção de António Faustino de Carvalho e de Jorge Davide Sampaio. Aguarda-se a publicação dos resultados.

Rego, do avançado estado de degradação do painel de Cabanas<sup>5</sup>. Na sequência da visita decidiu fazer-se um levantamento exaustivo da estação, e proceder a prospecções nas zonas envolventes. Estas revelaram a existência de outras duas estações com temáticas semelhantes à de Cabanas (fig. 1).

### **3. Localização e descrição das evidências rupestres**

#### *3.1. A estação de Cabanas*

A estação de arte rupestre de Cabanas pertence à freguesia de S. Genes, concelho de Fafe. As coordenadas geográficas, lidas a partir da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, folha n.º 86) são as seguintes: lat. 41º 26' 32'', long. 07º 06' 6'', sendo a altitude de 685 metros.

Localiza-se no topo de uma elevação sobranceira à E.N. n.º 206, depois de passar o lugar de Lameira, em direcção a Fafe, tomando a primeira estrada à esquerda até ao cruzamento que dá acesso a Montim e a Seidões. O sítio localiza-se a cerca de 100 metros do cruzamento, tomando a estrada de terra batida que dá até ao lugar de Montim.

A paisagem é aberta, sem nível arbóreo, predominando a vegetação arbustiva e herbácea.

Sobre um afloramento granítico (fig. 2 e 3) disposto horizontalmente foram executados um amplo repertório iconográfico que se compõe de motivos geométricos, lineares e naturais<sup>6</sup>. Praticamente todo o conjunto das grafias foram gravadas na zona de suporte de textura mais fina e superfície mais regularizada (delimitada pelo traço contínuo no desenho), exceptuando uma fossete na parte mais alterada, onde o granito

---

<sup>5</sup> L. O. Fontes (1995) referencia este painel como contendo fossetes escavadas e um círculo com cruz gravado numa das extremidades.

<sup>6</sup> O modo de execução das gravuras não é reconhecido pela falta de evidências de carácter técnico, se bem, a técnica de picotado ou de abrasão contínuo em movimento de rotação, ou a combinação de ambas, são os procedimentos mais provavelmente utilizados na realização. Esta apreciação deve ser considerada para a totalidade dos motivos referidos nas distintas rochas.

é mais irregular e onde os grãos de quartzo são mais marcados. Apresenta umas medidas máximas de 258 cm de comprimento e 186 cm de largura.

Na actualidade, o estado de conservação é deficiente devido à existência de uma lixeira, fazendo com que alguns dos depósitos cheguem a cobrir o suporte. O continuo depósito de lixos neste local levará a médio prazo à destruição total da rocha. As morfologías geométricas são preferentemente as circulares, com um total de noventa e cinco. A tendência dos contornos é a manterem-se regulares.

Completam o repertório geométrico três morfologías de tendência rectangular e uma trapezoidal, paletas, que mostram uma alta divergência formal entre si, ao apresentar todas elas apêndices, simples ou múltiplos, em um dos lados. Os contornos tendem a ser sinuosos, apresentando-se os extremos com um ângulo bem arredondado.

As morfologías lineares repartem-se em quatro grupos: as linhas de tendência rectilíneas, as curvas, as sinuosas e as que por união de duas rectilíneas conformam motivos em “V”. As primeiras estão presentes em número de sete; das segundas existem dois exemplares. Uma linha sinuosa e três motivos angulares formando “V” completam o repertório iconográfico.

Os motivos naturais<sup>7</sup> são os cruciformes, que são representados mediante duas modalidades, a simples, em diferentes versões, e uma mais completa à qual se associa um círculo na parte inferior (fig. 4). As primeiras, compostas pela inserção, preferentemente assimétrica, de dois traços rectilíneos de diferente longitude, aparecem em três casos e são definidas como cruces latinas; uma delas, localizada aproximadamente na parte central da composição, apresenta três dos extremos com apêndices rematando-se em “T”, e é definida dentro das tipologias como cruz triunfal, de muletas ou maleiforme. O

---

<sup>7</sup> Entende-se por naturais aquelas morfologías traduzidas por esquemas de configuração externa reconhecidos na actualidade e que responde a estruturas reais, tangíveis e materiais.

outro conjunto de cruces, oito, mantêm a estrutura das anteriores, mas rematando-se a parte inferior com um círculo, preferentemente centrado, que num caso apresenta um ponto na sua parte central; são definidas como cruces de pé circular.

Completa o repertório uma morfologia susceptível de ser definida como radial, ao apresentar uma zona central escavada e da qual partem quatro linhas ou sulcos. Esta localiza-se no lateral direito.

À parte da clara associação entre morfologia circular e linhas rectilíneas para conformar motivos cruciformes de pé circular, observam-se outras associações ou ordenações de motivos similares e divergentes susceptíveis de destacar. Um modelo de ordenação observa-se entre oito morfologias circulares, ao disporem-se sete pequenas ao redor de uma de dimensões sensivelmente maiores; este mesmo esquema repete-se, parcialmente, entre quatro, ao disporem-se três pequenas à volta de uma maior. Em outros casos, estas últimas, associam-se a motivos cruciformes, desconhecendo se tal organização é produto de uma intenção ou se deve a uma casualidade relacionada com o espaço operativo e o alto número de motivos desenhados sobre ele. Tão pouco falta a relação morfologia circular/ motivo linear ou no caso de morfologia em “V” e cruciforme de pé circular. A associação mais completa, provavelmente pela incompreensão que se tem dela, é a ordenação existente, na parte inferior central, de círculos e linhas.

### *3.2. A estação de Foles*

A estação de arte rupestre de Foles pertence ao lugar da Lameira (na linha divisória do concelho de Celorico de Basto e Fafe), freguesia de S. Bartolomeu do Rego, concelho de Celorico de Basto. As coordenadas geográficas, lidas a partir da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, folha nº 86) são as seguintes: lat. 41° 26' 36'', long. 7° 05' 44'', sendo a altitude de 700 metros.

O sítio localiza-se a cerca de 300 metros a N do marco geodésico de Foles, numa superfície aplanada da base do monte. O acesso faz-se através de um caminho carreteiro que sai do cruzamento que liga Cabanas a Seidões, para a Lameirinha. O local é ocupado por pinheiros e vegetação arbustiva. O substrato geológico possui as mesmas características que a estação de Cabanas.

Trata-se de um suporte granítico (fig. 5) disposto verticalmente sobre o terreno e inserido num muro delimitador de terrenos. A delimitação da parte baixa não foi gravada devido a esta se encontrar, na actualidade, enterrada, coberta de terra; Não deve descartar-se porém, a hipótese da base do monólito estar insculturada. O bloco apresenta uma medida mínima de 150 cm para o comprimento e máxima de 140 cm para a largura. O dispositivo iconográfico compõe-se de formas geométricas e lineares; as primeiras distribuem-se na parte inferior, e as lineares, muito reduzidas em número, preenchem a parte média e superior.

As geométricas, num total de dez, são na sua totalidade morfologias tendentes a circulares de contornos irregulares. Sete dispõem-se separadas, estando apenas três delas em associação entre si por contacto dos contornos.

As linhas compõem-se de dois traços de contornos irregulares: um apresenta tendência rectilínea e outro curva. Um terceiro motivo compõe-se de uma associação de dois sulcos, um ligeiramente curvo e outro sinuoso, que apresentam relação de ortogonalidade entre si.

### 3.3. A estação do Quintela

Este núcleo é constituído por três localizações, todas pertencentes ao lugar denominado Quintela, freguesia de S. Bartolomeu do Rego, concelho de Celorico de Basto. Trata-se de blocos monólitos em granito, dois dos quais (rocha 1 e 2) se encontram inseridos em muros.

### 3.3.1. Rocha 1

As coordenadas geográficas, lidas a partir da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, folha n.º 86) são as seguintes: lat. 41º 25' 22'', long. 08º 06' 11'', sendo a altitude de 600 metros.

Este bloco localiza-se no centro da aldeia, a cerca de 30 metros depois de ter passado o tanque público, inserido na parte superior do muro junto à primeira casa do lado direito. Há cerca de dois anos parte do muro ruiu, levando à destruição de dois outros blocos, também decorados com covinhas.

Sobre um suporte granítico (fig. 6), tipo bloco, de morfologia tendente a paralelepípedo e medidas máximas de 36 cm de comprimento e 98 cm de largura foram realizados um conjunto de motivos. O dispositivo compõe-se de motivos geométricos e lineares distribuídos, sem ordenação aparente alguma, na totalidade da superfície do bloco. Observa-se um vazio na parte superior direita.

Os motivos geométricos, num total de vinte efectivos, apresentam uma morfologia tendente a circular, em cujo contorno se destacam salientes e conferindo a quase todas elas um carácter de irregularidade. Estas dispõem-se de maneira separada ou em associação (dois grupos de dois e um de três), bem como por contacto dos contornos de duas morfologias circulares, bem como pela existência de um curto sulco existente entre duas delas.

Uma morfologia linear de tendência rectilínea completa o repertório iconográfico. Apresenta contornos irregulares (um deles marcadamente sinuoso).

### 3.3.2. Rocha 2

As coordenadas geográficas, lidas a partir da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, folha n.º 86) são as seguintes: lat. 41º 25' 22'', long. 08º 06' 7'', sendo a altitude de 610 metros.

Este bloco localiza-se num muro que ladeia o caminho que faz o acesso a uma casa sobranceira ao tanque público já referido em Quintela I. Encontra-se disposta na parte superior do muro com a face insculturada voltada para cima.

Sobre um suporte granítico (fig. 7) de caracteres litológicos e morfológicos similares à rocha 1 executou-se um corpo iconográfico composto de motivos geométricos e lineares. O bloco apresenta umas medidas máximas de 40 cm de comprimento e 72 cm de largura. O dispositivo distribui-se por quase toda a superfície.

As morfologias geométricas representam-se em três variantes: as de tendência circular, as covinhas, as rectangulares, os paletas e as lineares. As primeiras, formalmente similares às anteriormente descritas, aparecem num total de quinze; a associação de seis delas compõem um semicírculo.

As morfologias de tendência rectangular mostram uma alta divergência formal entre si. Uma delas forma uma estrutura de rectângulo com os ângulos arredondados; a outra apresenta no seu lado esquerdo um sulco saliente e estreito, que conecta com uma das arestas do bloco.

Uma morfologia côncava e uma elipsoidal completam o repertório de motivos lineares.

Um último motivo apresenta dificuldades na distinção morfológica, podendo ser apresentado ou como uma estrutura compositiva de um triângulo ou como sulco linear sinuoso, adoptando para este estudo a segunda das hipóteses. Assim seria descrito como morfologia linear sinuosa apontada num dos seus extremos, encontrando-se o outro, o direito, parcialmente gravado.

### 3.3.3. Rocha 3

As coordenadas geográficas, lidas a partir da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, folha n.º 86) são as seguintes: lat. 41º 25' 22'', long. 08º 06' 10'', sendo a altitude de 600 metros.

O monólito situa-se a cerca de 15 metros do tanque público já referido, (em direcção a Quintela I) junto a um pequeno acesso pedestre que serve os campos de cultivo numa cota inferior. A parte inferior do bloco está enterrada no sedimento.

O bloco de morfologia paralelepípeda (fig. 8) encontra-se gravado em dois planos, um lateral, concretamente o que está voltado para a estrada que serve a aldeia, e o superior. Apresenta uma medida mínima de 48 cm para o comprimento e máxima de 85 cm para a largura.

Na face lateral foi desenhada uma morfologia geométrica, concretamente um círculo ou covinha. Nesta mesma aparece representada uma cruz dupla ou cruz de tipo ramiforme.

Na face superior, e distribuindo-se por toda a superfície, desenharam-se, dispostas em fila, um total de sete morfologias geométricas circulares.

#### **4. Valorização do dispositivo iconográfico**

O conjunto iconográfico aqui apresentado vem a somar-se ao amplo repertório de evidências rupestres existentes no território português, concretamente ao grupo de estações em contexto de ar livre. Das cinco rochas historiadas aqui apresentadas, a de Cabanas é a única da qual se pode assegurar o contexto de execução, um espaço destacado e aberto, ao ser este um dos pontos altos nas imediações do qual pode vislumbrar-se um amplo terreno. Das rochas de Quintela I e Quintela II desconhece-se o lugar onde foram executadas as grafias, podendo corresponder a momentos posteriores da construção do muro, já que tanto os dois blocos apresentados, assim como outros apontados pelas pessoas do lugar, tinham as covinhas na parte superior. As rochas de Foles e Quintela III poderão tratar-se de monólitos pertencentes a estruturas hoje em dia irreconhecíveis, bem pelo seu desmonte parcial bem por terem sido trasladadas do lugar original.

nario.

De uma forma geral pode apontar-se que os motivos apresentados no concelho de Celorico de Basto supõem uma reiteração iconográfica e técnica do já conhecido, as covinhas, cruciformes (nas suas diferentes variantes) e traços lineares no que a forma se refere e a modalidade de sulco largo e profundo, elementos presentes, em grande número, em grande parte do

território português, e especialmente, pela atenção prestada pela investigação, na zona transmontana (Alves, 1982).

A rocha de Cabanas permite um abarcamento cronológico mais ou menos preciso<sup>8</sup>. A presença de cruces de pé circular e de tipo maleiforme vem marcar um momento histórico difícil de definir para o caso concreto, mas que devem circunscrever-se à Idade Média e/ou Moderna<sup>9</sup>. Se bem, que a caracterização cronológica do tipo de cruces apontado não mostra, aparentemente, problemática alguma, esta é maior no caso das cruces latinas simples, as fossetes assim como o resto do dispositivo iconográfico da presente rocha deve ser incluído nos termos cronológicos apontados.

Parece demonstrada a existência de covinhas e motivos lineares similares aos que aqui foram apresentados em momentos pré-históricos. Tanto umas como outras morfologias documentam-se desde os momentos iniciais da explosão do grafismo, no Paleolítico superior inicial, observando-se uma perduração, ao longo de momentos pré - históricos e históricos. É por isso que a falta de um contexto directo, bem sedimentado, dificulta um apuramento mais plausível na argumentação. Para o caso das rochas de Quintela I e Quintela II, aceita-se uma realização em época posterior à construção do muro, utilizados para delimitação de propriedades, é lícito supor uma idade

---

<sup>8</sup> Em torno de um número muito reduzido de gravuras de tipo esquemático ou lineares e de insculturas, vem-se desenrolando um debate de raiz cronológica onde as divergências são maiores que as convergências. A ele se soma em grande parte dos casos a inexistência de elementos contextuais que podem ajudar e enriquecer o estudo. A procura de um acerto cronológico dos motivos formais similares aos que aqui foram apresentados tem sido, e é, objecto de discussão entre investigadores, que promulgam posicionamentos extremos. Algumas das reflexões podem ser consultadas em Fortea (1970-71), Beltrán (1989), Gómez-Barrera (1993), Martínez García (1995) y Costas y Pereira (1998).

<sup>9</sup> F. J. Costas y E. Pereira García (1998) dedicam nas suas reflexões um capítulo referente à morfología-tipología dos motivos cruciformes. Nele podem encontrar-se casos específicos de tratamento, reflexões mais completas e um conjunto maior de referências bibliográficas.

histórica difícil de definir. Para Quintela III e Foles a ausência de argumentações é um facto. No caso de Cabanas o contexto gráfico ajuda na reflexão.

Assim deveriam reter-se duas hipóteses: por um lado aquela que significaria um sincronismo baseado na relação espacial com as cruces a que se associam; por outro uma divergência ou espaçamento temporal, ou seja, apontar uma independência temporal dos diferentes elementos gráficos. Para o caso concreto manteremos a argumentação da contextualização espacial – contextualização cronológica. Tal consideração de homogeneidade cronológica proposta, de curto espectro, implica aceitar as propostas dadas para algumas rochas de cronologias amplas (início em momentos pré - históricos e perduração em históricos), que implicariam um reaproveitamento “conceptual”, e por vezes espacial, do dispositivo anteriormente existente.

Outro elemento a ter em consideração na contextualização cronológica, das cruces latinas simples<sup>10</sup>, é o facto da sua forte presença em termos quantitativos. Esta argumentação cremos que pode ser retida para aqueles conjuntos que mostram uma marcada presença de cruces ou motivos construídos a partir de tal esquema construtivo. Cremos importante, pelo seu valor de enquadramento de horizonte cultural, a particularidade da associação das cruces. Se bem que deve ser aceite que desta forma já aparece em momentos da pré - história, parece, com os dados que na actualidade se conta, evidente que a associação, a agrupação, no fundo a reiteração formal, de motivos cruciformes (nas suas diferentes modalidades, incluindo os tipos gregos e latinos simples) é um facto ligado a momentos cristãos, especialmente onde a sua aceitação social, como ideologia, é evidente (Lucena, 1998).

---

<sup>10</sup> A. M. Baptista (1983-1984) defende, no caso do território português, que a raiz, a origem do motivo cruciforme deve ser procurada em momentos pré - históricos, resultado de uma síntese formal de figurações antropomorfas.

## 5. Bibliografia

- ARAÚJO, I. de (edição de): Ecos da Montanha. Jornal de periodicidade mensal. Rêgo, Celorico de Basto, vários números entre 1963 e 1969.
- ALVES, F. M. (1982): Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Arqueología, Etnografía e Arte. Tomo IX. Braga.
- BETTENCOURT, A. S. (1993): “Uma nova jazida da Idade do Bronze no Areeiro, planalto da Lameira, Celorico de Basto”. Cadernos de Arqueologia, Série II, 10-11, 1993-94, Braga.
- BAPTISTA, A. M. (1983-1984): “Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva”. Portugalia IV/V (nova série), pp. 71-82.
- BELTRÁN, A. (1989): “Disgresiones sobre el arte esquemático de aspecto prehistórico y sus versiones medievales y modernas: problemas de método”. Aragón en la Edad Media VIII, pp. 97-111. Zaragoza.
- COSTAS, F. J.; PEREIRA, E. (1998): “Los grabados rupestres en épocas históricas”. En Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia (F. J. Costas Goberna, J. M. Hidalgo Cuñarro coord.), pp. 129-179. Asociación Arqueológica Viguesa. Serie Arqueológica Divulgativa nº 4. Vigo.
- FORTEA, J. (1970-71): “Grabados rupestres esquemáticos en la provincia de Jaén”. Zephyrus XXI-XXII, pp. 139-156.
- FONTES, L. O. (1995). O património arqueológico do planalto da Lameira. Voz de Basto. Jornal concelhio de periodicidade quinzenal. Celorico de Basto, 20 Março de 1995, p. 8.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A. (1993): “Tradición y continuidad del arte rupestre en la antigüedad tardía”. En La Cueva de la Camareta (Agramón, Hellón-Albacete) (González Blanco, González Fernández, Amante Sánchez ed.), pp. 433-448. Antigüedad y Cristianismo. Monografías históricas sobre la antigüedad tardía X. Murcia.
- LEMOS, F.; MARTINS, M & DELGADO M. (1976-1980): “ O sítio proto-histórico de Pedroso. Actividade Arqueológica, Braga, PP. 32-36.
- LUCENA, A. M. (1998): “La escasa representación de la cruz latina en el primer arte cristiano”. Revista de Arqueología 218, pp. 38-46.
- MARTÍNEZ GARCÍA, J. (1995): “Grabados prehistóricos, grabados históricos. Reflexiones sobre un debate a superar”. Revista de Arqueología nº 172.
- PEREIRA, E. (1989): Notícia explicativa da folha 10-A. Celorico de Basto. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- SAMPAIO, J. D.; CARVALHO, A. F. A Intervenção de salvamento no sítio de Bolada (S. Bartolomeu do Rego, Celorico de Basto). No prelo.





Fig. 2. - Rocha de Cabanas



Fig. 3. - Levantamento da rocha de Cabanas



Fig. 4. - Pormenor de um motivo na rocha de Cabanas

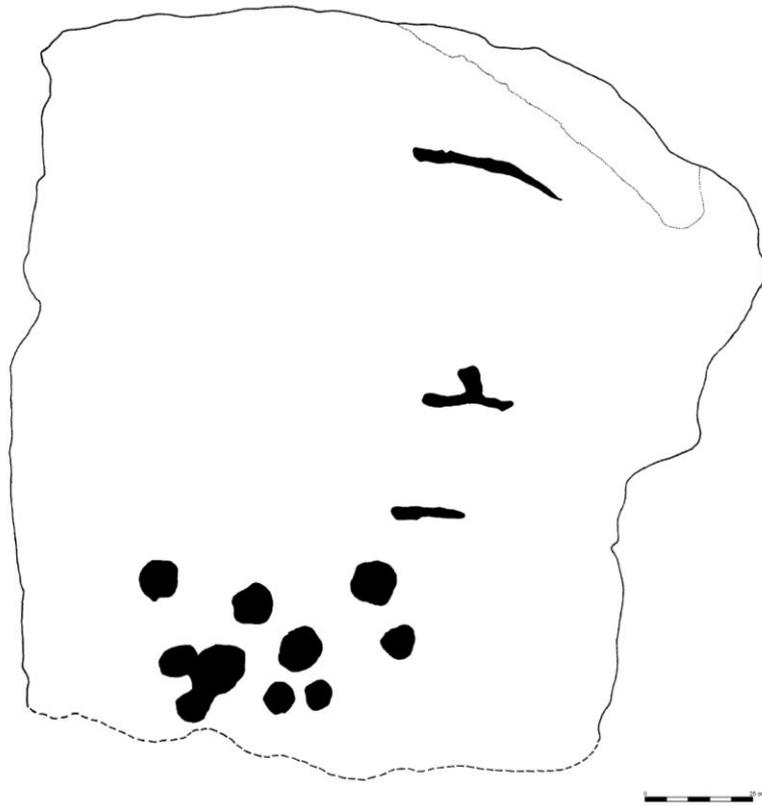


Fig. 5. - Levantamento da rocha de Foles

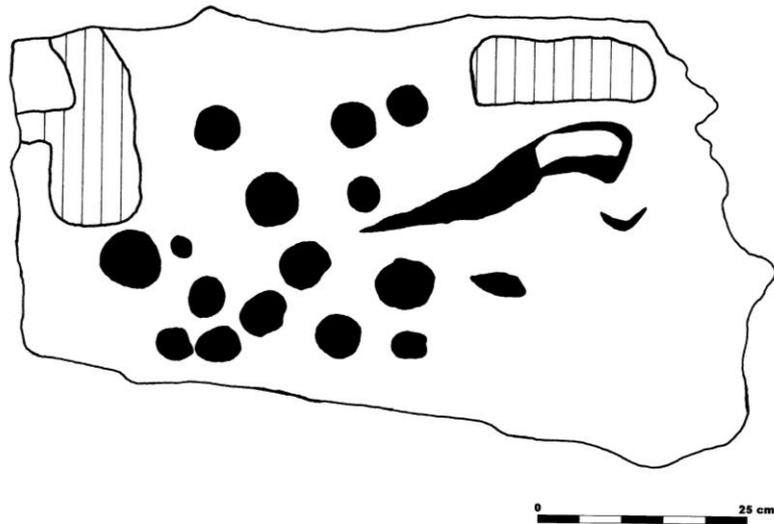


Fig. 6. - Levantamento da rocha 1 de Quintela

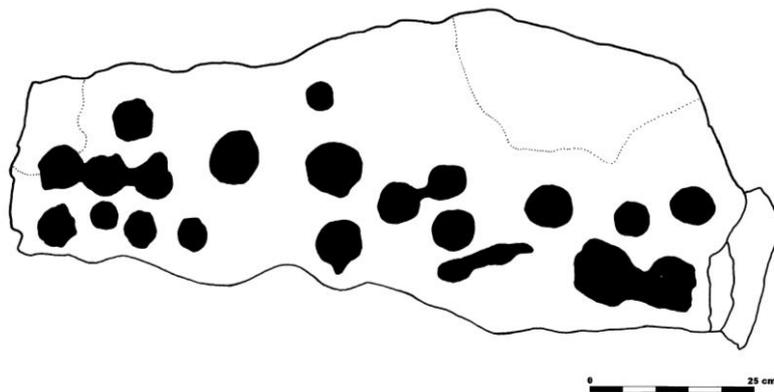


Fig. 7. - Levantamento da rocha 2 de Quintela

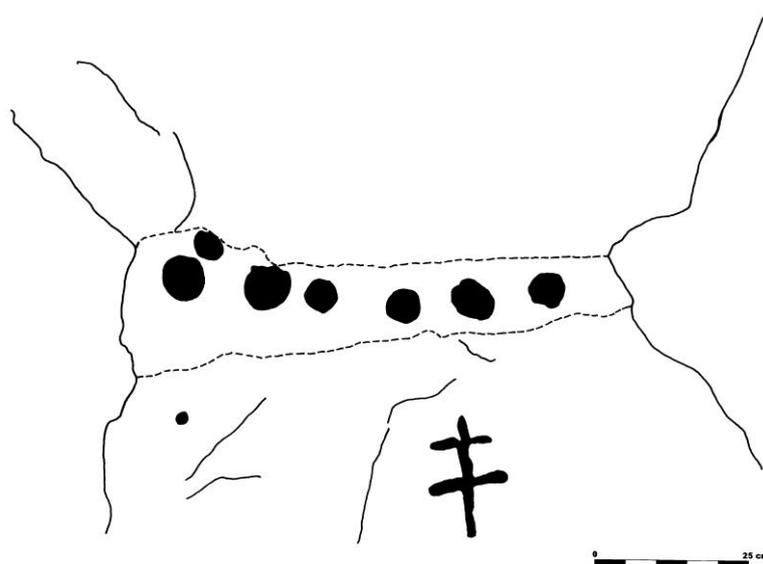


Fig. 8. - Levantamento da rocha 3 de Quintela